



ZERO

FLORIANÓPOLIS, JULHO DE 2011 - CURSO DE JORNALISMO DA UFSC ANO XXIX, NÚMERO 3



vida e morte

Ciência e religiões discutem o fim da existência

Nascer e morrer: dois instantes dramáticos na vida

Caros leitores,

O filósofo grego Epicuro, professor em Rodes, recebeu um remédio para toda a humanidade, que ele julgava doente. Segundo ele, o mal se agravava em função de falsas crenças que os homens transmitiam uns aos outros. A cura viria através da fórmula chamada *tetrabhármakon*, remédio quádruplo, que não passava de uma mensagem filosófica: 1. Não há o que temer quanto aos Deuses; 2. Não há o que temer quanto à morte; 3. Pode-se alcançar a felicidade; 4. Pode-se suportar a dor.

Mais de dois milênios depois parece que ainda não estamos curados. Não é preciso uma pesquisa para confirmar que a grande maioria das pessoas sente medo da morte. Cemitérios, caixões ou funerárias ainda causam arrepios a muitos. Mesmo os que dizem não sentir medo, têm certas reservas. Mas em Cabralia Paulista, uma pequena cidade do interior de São Paulo, as pessoas mostram bom-humor em relação ao tema. Cabralia entrou para o livro dos recordes ao construir o maior caixão do mundo. Com pouco mais de 5 mil habitantes e, em média, três óbitos e produção de mais de 15 mil urnas funerárias por mês, a cidade

colecciona histórias engraçadas. Nas fábricas, é comum funcionários fazerem a sesta dentro de caixões. Parte da produção terceirizada é feita na casa de artesãos e o produto pronto fica a espera da coleta na varanda ou na garagem. Alguém desavisado pode ter calafrios ao passar pela casa de um deles à noite.

Nem com medo nem com brincadeiras. Conversamos sobre a morte com psicólogos e religiosos para trazer tanto o enfoque da ciência quanto da fé. Este é o tema do Especial desta edição.

No oposto da linha do tempo temos o nascimento. A fase que mostra mais a nossa fragilidade. Mais ainda quando o parto acontece antes de um período normal de gestação. Quais os avanços da medicina e da tecnologia para dar suporte à vida de bebês prematuros?

Esta edição trata também do aumento da oferta de produtos sem glúten, o que beneficia os celíacos, pessoas que convivem com uma doença causada pela ingestão de proteína contida em alguns alimentos. Tem, ainda, empreendedorismo nas redes sociais e o uso das tecnologias no terceiro setor além de questionamentos sobre as políticas culturais....

Boa leitura!

Charge



Sobre a chargista

Giovanna Chinellato é estudante da terceira fase do curso de Jornalismo da UFSC. Para entrar em contato com a autora escreva para o e-mail giovanna@chinellato.com.br.

ZERO NO TEMPO

O número é cabalístico: sete. Foram sete jornalistas que concederam entrevista para a edição de outubro de 2006 do ZERO.

Não queremos quebrar a magia, porém, trazemos nesta edição uma conversa com um jornalista tão polêmico quanto aqueles. Lembrando aos leitores que, naquela época, o jornalista gaúcho Renan Antunes de Oliveira ganhou um Prêmio Esso com uma reportagem em um jornal de bairro, desbancando jornalões das grandes capitais, o que causou a fúria de fortes empresários de comunicação.

Além de polêmicos, esses profissionais têm mais alguma coisa em comum. Nem só de prêmios vivem os jornalistas — de processos também. Milhares

deles são processados judicialmente. Muito mais raramente, alguns deles conseguem ser laureados por seu desempenho na função.

Nossa conversa nesta edição é com Cláudio Júlio Tognolli, colecionador de mais de uma centena de processos. Dono de uma visão crítica sobre a grande imprensa, é um dos mais bem-informados repórteres policiais do país. Durante dois meses sentiu na pele como seria viver, hoje, segundo os mandamentos da Bíblia. Em parceria com José Arbex Jr. escreveu *O Século do Crime*, síntese de duas décadas de reportagens feitas em diversos países. Ele já recebeu meia dúzia de prêmios, entre eles um Prêmio Esso de Jornalismo e um Prêmio Jabuti de literatura.



ZERO

JORNAL LABORATÓRIO ZERO

Ano XXIX - Nº 3 - Julho de 2011
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC
Fechamento: 12 de julho

Curso de Jornalismo - CCE - UFSC - Trindade
Florianópolis - CEP 88040-900
Tel.: (48) 3721-6599/ 3721-9490

REDAÇÃO Alécio Clemente, Camilla Collato, Diego Cardoso, Diego Souza, Gabriella Bridi, Isis Dassow, Juliana Geller, Laís Mezzari, Rodolfo Conceição, Rodolfo Espinola, Vinicius Schmidt, Úrsula Dias
EDIÇÃO Camilla Collato, Diego Cardoso, Gabriella Bridi, Juliana Geller, Laryssa D'Alama, Nayara D'Alama, Titany Rodio
FOTOGRAFIA Carolina Dantas, Dirk Ruhland, Eduardo Trauer, Isis Martins Dassow, Rodolfo Conceição, Rodolfo Espinola, Thomé Granemann Rosa
EDITORIAÇÃO Camilla Collato, Diego Cardoso, Diego Souza, Gabriella Bridi, Laryssa D'Alama, Luanna Hedler, Nayara D'Alama, Rodolfo Conceição, Titany Rodio, Úrsula Dias
INFOGRAFIA Felipe Tadeu, Gregório Italiano Veneziani
ILUSTRAÇÃO Felipe Perucci, Giovanna Chinellato, João Victor Queiroz Garcia
PROFESSOR-COORDENADOR Jorge Kanehide Ijulmi MTb/SP 14.643
MONITORIA Verônica Lemus, Wesley Klimpel
IMPRESSÃO Diário Catarinense
CIRCULAÇÃO Nacional **TIRAGEM** 5.000 exemplares



Melhor Peça Gráfica I, II, III, IV, V e XI Set
Universitário / PUC-RS (1988, 89, 90, 91, 92 e 98)

Melhor Jornal-Laboratório no I Prêmio Foca
Sindicato dos Jornalistas de SC 2000
3º melhor Jornal-Laboratório do Brasil
EXPOCOM 1994.

Reinvestigador do Quarto Poder

Fotos: Carolina Dantas

Cláudio Júlio Tognolli, escritor e um dos jornalistas mais processados do país, fala ao ZERO sobre o uso da internet no jornalismo investigativo, ações judiciais contra profissionais da área e a Operação Satiagraha da Polícia Federal, além de dar detalhes sobre seu novo livro

Cabeludo e fã de rock 'n' roll, Cláudio Júlio Tognolli é formado em Jornalismo, com mestrado em Psicanálise da Comunicação e doutorado em Filosofia das Ciências. Escritor, jornalista e professor da Escola de Comunicação e Artes da USP e das Faculdades Integradas Alcântara Machado, também é membro do *International Consortium of Investigative Journalism* (ICIJ) e ocupa cadeira na diretoria da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji). O repórter, que já passou pelas redações de Folha de S. Paulo, Galileu e Veja, Rádios CBN, Jovem Pan e Eldorado, orgulha-se de algumas proezas: ter se infiltrado em países, torcidas organizadas e seitas religiosas, haver vivido os ensinamentos bíblicos ao pé da letra por dois meses e ter adoecido propositalmente para testar o sistema de saúde cubano — para depois ser descoberto e expulso da ilha. Na carreira de escritor, destaque para *O Século do Crime*, escrito em parceria com José Arbex Júnior e vencedor do Prêmio Jabuti de Literatura na categoria reportagem, e a biografia do músico Lobão, *50 Anos a Mil*, que está sendo adaptada para os cinemas. Em passagem por Florianópolis para participar do 1º Seminário Brasil-Argentina de Pesquisa e Investigação em Jornalismo, Tognolli conversou com o ZERO.

Como você vê o cenário atual do jornalismo, em que o repórter prefere ficar na redação, apurando matérias no computador, em vez de ir para rua atrás de pessoas?

Eu acho fundamental que se sente, sim, na frente da internet e que se fique com a bunda ali por horas. Mas isso é apenas um trabalho de preparação. Eu acho ótimo que nós, jornalistas, possamos fazer isso hoje. Eu lembro que quando eu comecei na profissão, as pessoas nos passavam informações desatualizadas, e a gente não tinha um banco de dados *online* para poder checar a validade daquilo. Acho ótimo que as pessoas passem horas na frente do computador antes de sair para apurar algo. Até porque, tendo esse universo belíssimo que é a internet à disposição, elas podem saber o que angular diferentemente em uma história. Eu não saio para fazer nenhuma grande reportagem sem ficar horas na internet. Até para eu saber sobre uma história banal de um personagem que todo mundo conhece e descobrir o que ainda não se perguntou. A internet é um grande filtro para o jornalista, um super-ego para a gente melhorar nosso trabalho.

Talvez por preguiça ou até por sofrer intimidação, o jornalista deixa de apurar e passa a

exercer o jornalismo declaratório. Como você analisa essa situação?

O Brasil é o país em que mais se processa jornalistas. Estima-se que haja cinco mil processados hoje, algo como R\$ 60 milhões de indenização. Por isso, os departamentos jurídicos têm tomado cuidado de não deixar sair reportagens com juízo de valor do repórter. Eu acho que no jornalismo acusatório, de investigação, o profissional tem que trazer provas. Se alguém está acusando, ele não tem que transformar a frase da pessoa em paráfrase, ele tem que encher de aspas, sim. O autor tem que tomar todos os cuidados pra não invalidar o próprio trabalho. Eu acho que o jornalismo investigativo não requer muita perícia conceitual no sentido de descrever fenômenos, ele requer objetividade e alguma frieza para construir um cenário. Você só está narrando este cenário, não tem que se incluir na narrativa. O repórter, principalmente no jornalismo literário, se sente mais importante que o fato, e o jornalismo investigativo tem que jogar tudo isso fora.

Falando em processos, em entrevista para a revista Caros Amigos no fim dos anos 1990, você foi apontado como o jornalista mais processado do Brasil. Mais de dez anos depois, como está a situação hoje?

Eu já tive uns 140 processos. No ano passado, eu ganhei dois muito importantes. E agora, até o presente momento, estou sem nenhum. Os processos contra jornalistas no Brasil aumentaram quase 500% nos últimos dois anos, enquanto apenas 10% dos 380 procuradores da república estão sendo processados pelas mesmas pessoas que abrem ações contra jornalistas. Eu tenho saudades da Lei de Imprensa, pois ela deixava nos processarem apenas até dois anos depois da publicação da matéria, pedindo no máximo 200 salários mínimos de indenização. Agora, quando nos processam, fazem uso do Código Civil, e podem nos processar até 20 anos após a publicação, e sem teto de ressarcimento. Ou seja, pedem-se milhões!

Qual é o limite da investigação jornalística e da investigação policial?

O jornalista investigativo deve usar o documento produzido pelas autoridades como ponto de partida, e não como ponto de chegada. Você usa aquilo para ir atrás de indícios, pega no inquérito informações como endereços e telefones, e constrói a narrativa. Mas nem sempre isso é possível. Com as escutas que a polícia tem feito, o jornalista está cada vez mais perdendo elementos pra competir com essa perícia. Então eu acho que o repórter não é mais um investigador, é um reinvestigador. Eu acho que o papel dele como investigador está limitado face à nova tecnologia judicial.

Frequentemente a gente vê notícias sobre operações do Ministério Público e da polícia. Puxando para um caso em que você se envolveu, temos a operação Satiagraha (Tognolli escreveu uma

materia para a revista eletrônica Consultor Jurídico com uma lista de 25 repórteres perseguidos pelo delegado Protógenes Queiroz, que acreditava que eles haviam sido comprados pelo banqueiro Daniel Dantas). Você acha que esse aumento nas ações do poder público está tirando do jornalismo o papel de quarto poder?

Não, eu acho que é o contrário. No caso do Protógenes, o Superior Tribunal de Justiça (STJ) absolveu o banqueiro Daniel Dantas. Acho que quem deve explicações agora é o delegado. Estou lançando em um mês o livro *Golpe Abaixo da Cintura*, que mostra como espiões italianos vieram ao Brasil distribuir 120 milhões de euros em corrupção para fulminar o Daniel Dantas. Hoje em dia, com esse legalismo dizendo que ele é o demônio, eu quero dizer o contrário: o Protógenes é que é o demônio, e é o que eu vou provar.

Você já teve algum contato com o delegado Protógenes Queiroz?

Nunca tive nenhum contato. A única coisa que eu gostaria é que ele explicasse seu imposto de renda, que não está explicado. Uma frase me foi ensinada pelo meu advogado: perdoa-se o pecador, mas jamais o pregador. O STJ perdoou o suposto pecador Daniel Dantas. Quero ver quem vai perdoar o pregador Protógenes. Há uma investigação na procuradoria de Milão que chegou ao Brasil agora mostrando que havia interesses privados italianos corrompendo autoridades brasileiras. Eu quero ver se isso chega nele ou não. Se chegar, azar dele. Se não chegar, parabéns. De qualquer forma, ele deve explicações sobre o imposto de renda, porque quem acusa, tem telhado de vidro.

Rodolfo Conceição

rodolfohgc@gmail.com

Colaboração: Lucas Pasqual



ENTREVISTA

Processos
“Tenho saudades da Lei de Imprensa, ela deixava nos processarem apenas até dois anos depois da publicação da matéria”

Adeus ao pãozinho branco

O número de pessoas que não podem ingerir alimentos com glúten, os celíacos, pode chegar a dois milhões no Brasil

Parece que, a cada ano que passa, mais pessoas declaram guerra ao glúten. Observamos conhecidos, amigos e familiares descobrirem que a proteína presente no trigo, na cevada, no centeio e na aveia é a causa de seus principais problemas, como diarreia crônica, prisão de ventre, inchaço no abdômen, flatulência, dores abdominais, perda de peso, cansaço e indisposição.

Esses são sintomas da doença celíaca, que afeta o intestino delgado de pessoas geneticamente predispostas. A enfermidade se manifesta por causa da ingestão de glúten e exige uma dieta sem a proteína para o resto da vida.

Nos Estados Unidos, os casos quadruplicaram nos últimos 50 anos e tendem a aumentar, de acordo com informações do Celiac Disease Center da Universidade de Chicago. A estimativa é de que, atualmente, três milhões de norte-americanos sejam celíacos, o que representa 1% da população saudável do país. No entanto, 97% deles ainda não foram diagnosticados. No Brasil, a situação parece não ser muito diferente.

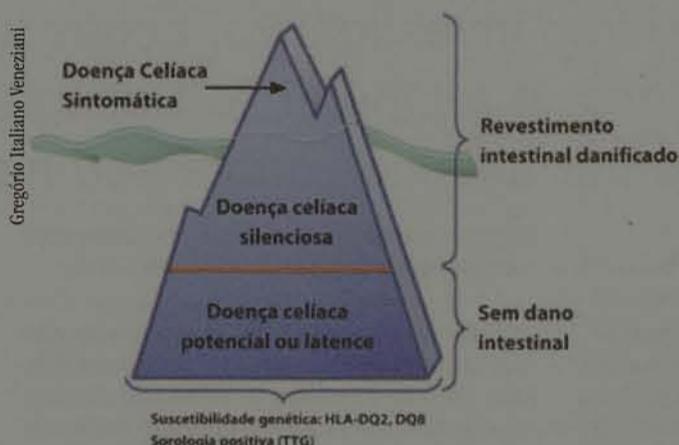
A Federação Nacional das Associações de Celíacos do Brasil (Fenacelbra) baseia-se na estimativa mundial de que 1% da população do planeta seja celíaca. De acordo com esse percentual, o número de doentes no país pode chegar a dois milhões. O problema é que aqui, assim como nos Estados Unidos, a maioria dessas pessoas não sabe que o glúten pode ser um inimigo da saúde.

Recentemente ficou um pouco mais fácil fazer o teste da doença celíaca. O exame antitransglutaminase, importante para a avaliação inicial dos pacientes, foi disponibilizado na rede pública de saúde em 2009. Mas a abrangência ainda é restrita para a maioria da população. Em fevereiro deste ano, ele foi realizado através do Sistema Único de Saúde em apenas 53 municípios brasileiros, de acordo com o relatório de produção ambulatorial do SUS. Isso indica que, se o acesso ao exame for maior nos próximos anos, poderá aumentar ainda mais os casos comprovados da doença.

Iceberg

A figura de um iceberg é comumente utilizada para mostrar o quanto a realidade da doença pode ser complexa.

De acordo com Stefano Guandalini, diretor do Celiac Disease Center, o pico fora da água representa aqueles que possuem sintomas. Essas pessoas também apresentam três fatores essenciais para a caracte-



terização da doença: lesões na mucosa do intestino delgado, uma taxa elevada de anticorpos antitransglutaminase e genes associados à doença.

Logo abaixo da linha d'água está a representação de doentes que não apresentam ou apresentam sintomas mínimos e, por isso, são chamados de "celíacos silenciosos", que a qualquer momento podem vir a sentir as consequências de ingerir glúten.

A base indica pessoas geneticamente predispostas e que apresentam uma elevada taxa de anticorpos antitransglutaminase, mas não possuem danos ao intestino delgado e nem sintomas. São os celíacos "latentes" ou "em potencial". A ciência ainda não sabe responder se esses indivíduos precisam seguir uma dieta sem glúten para o resto da vida.

Sensibilidade ao glúten

Muitas pessoas sofrem os efeitos negativos da ingestão de glúten, mas não apresentam os fatores básicos para a caracterização da doença celíaca. Por isso, os sintomas geralmente são explicados como sendo de causa psicológica. Porém, há pesquisadores que não pensam assim.

O Centro de Doença Celíaca publicou um relatório em outubro de 2010 que informa haver evidências de que a sensibilidade ao glúten é, de fato, uma doença. Entretanto, ainda é preciso aprofundar o estudo para que se entenda melhor como o glúten induz a uma resposta negativa do organismo e para que se possa aperfeiçoar o diagnóstico e o tratamento.

A nutricionista funcional Ana Carolina de Abreu, de Florianópolis, segue essa linha de pensamento. "É fato que o percentual de enfermos tem aumentado significativamente. O que não se sabe é se isso ocorre por falta de diagnóstico ou pelo estilo de vida moderno. Na minha opinião, os dois fatores devem ser con-

siderados." Ela chama atenção para os hábitos alimentares da atualidade: "além do aumento no consumo de produtos feitos com farinha de trigo, a quantidade de glúten presente nos alimentos hoje é maior, inclusive na própria farinha".

Sem passar fome

As alternativas para pessoas com dieta restrita vêm aumentando nas prateleiras dos supermercados e em estabelecimentos comerciais. Só em 2010, o mercado de alimentos sem

glúten cresceu 35% no Brasil, de acordo com a organização do evento Gluten Free São Paulo. Nos Estados Unidos, o crescimento foi de 30% entre 2006 e 2010, segundo pesquisa do Packaged Facts. Estima-se que as vendas desses produtos tenham movimentado 2,6 bilhões de dólares em 2010 e que cheguem a cinco bilhões em 2015.

O site acelbra-sc.org.br, da Associação dos Celíacos de Santa Catarina (Acelbra-SC), sugere estabelecimentos que contêm opções livres de glúten. Só em Florianópolis, são 24 cadastrados, entre supermercados, lojas de produtos naturais, bares, restaurantes e pizzarias. Há muitos locais que ainda não fazem parte da lista, mas também oferecem produtos com esse diferencial, como a cafeteria de Soraya Gonçalves Siqueira, localizada no campus da Trindade da Universidade Federal de Santa Catarina.

A administradora começou a sentir os sintomas da doença celíaca após uma cirurgia de hérnia de hiato em maio de 2007. Cinco meses depois, foi diagnosticada com a doença. Como consequência das próprias restrições alimentares, acabou inovando em seu negócio ao criar opções livres de glúten. Atualmente, oferece sanduíches, três tipos de bolo, pão de queijo, brigadeiro e quindins.

O bolo de cenoura com açúcar mascavo é a receita mais popular, feita com farinha sem glúten, farinha de arroz e fécula de batata como substitutos da farinha de trigo. "Muitos clientes nem notam a diferença. O bolo acaba em uma manhã". Assim, Soraya prova que é possível se adaptar à dieta limitada. "Se eu ficar esperando pela cura, não vou viver. É preciso conviver, explorar, brincar com as receitas. E principalmente mostrar para quem não é celíaco que a comida sem glúten também pode ser muito gostosa."

Isis Martins Dassow
isismd@gmail.com

Você pode ser celíaco e não saber

Apesar de afetar quase 1% da população mundial, muitas pessoas que sofrem com os sintomas desconhecem a doença.



Isis Martins Dassow

VAI UM BOLO AI?

Na cafeteria de Soraya, o bolo de cenoura sem glúten faz sucesso até entre quem não é celíaco.

Sobram empregos em Tecnologia da Informação

Setor cresce na capital catarinense, mas falta mão de obra qualificada para sustentar o aumento da demanda

Florianópolis tem sido lembrada nos últimos anos como um grande centro de excelência em soluções tecnológicas para o Brasil e exterior, inclusive sendo chamada por veículos como a BBC (Reino Unido) e o Corriere della Sera (Itália), como um possível Vale do Silício na América do Sul. Não à toa, já que a cidade, conta hoje com mais de 550 empreendimentos somente no setor de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), e a cada ano são abertas, em média, entre 30 e 40 novas companhias no ramo. O problema para estas empresas não costuma ser o mercado, que vem crescendo consideravelmente, com aumento, segundo a Prefeitura Municipal de Florianópolis, de 50% no faturamento de 2010 em relação ao ano anterior, chegando a R\$ 604 milhões com softwares e serviços. A principal dificuldade atualmente é a falta de mão de obra qualificada para atuar no setor.

O estudo "Mapeamento de Recursos Humanos e Cursos do Setor de Tecnologia da Informação e Comunicação", desenvolvido pela Associação Catarinense de Empresas de Tecnologia (Acate) e pela Secretaria Municipal de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico Sustentável (SMCTDES) indica que, somente em Florianópolis, 2010 encerrou com pelo menos 560 vagas em aberto. Para 2011 espera-se a contratação de mais de 1500 profissionais, entre desenvolvedores e analistas.

Este é um dos motivos que faz com que Camila Brito, de 22 anos, queira permanecer na capital catarinense. Camila veio de Belém (PA), e se formou em Engenharia da Computação em 2010 no Instituto de Estudos Superiores da Amazônia, sendo uma das três mulheres da turma de 35 pessoas. Está fazendo mestrado em Engenharia e Controle de Sistemas na UFSC. "Eu vim para Florianópolis por causa do mestrado. Quando cheguei, vi que o setor de TIC é forte. Por isso, estou me aperfeiçoando e pretendo ficar aqui por mais tempo."

O mestrado na área, apesar de ser um diferencial, não é necessário para ingressar no setor. Segundo Moacir Marafon, vice-presidente da Acate e coordenador do mapeamento de recursos humanos, "as empresas necessitam de equipes multidisciplinares. Portanto, são contratadas pessoas de diferentes níveis, desde estudantes, técnicos até graduados". O estudo também revelou que as funções mais requisitadas são de analista e projetista, programador e coordenador, nesta ordem. Porém, diferentemente do que se pensa, a habilidade mais requisitada pelo setor é o conhecimento da língua inglesa, seguido da metodologia de desenvolvimento e da linguagem SQL (código padrão para operações com banco de dados).

Cursos Superiores

O número de profissionais de TIC capacitados através de cursos como os de Engenharia, Ciências de Computação e Sistemas da Informação precisa aumentar 70% em quatro anos para acompanhar o crescimento das empresas na grande Florianópolis. A quantidade de vagas destes cursos na região, porém, caiu de 958 em 2009 para 890 em 2010 e 2011. Nem a remuneração elevada no setor parece conseguir

manter os estudantes na graduação. Mesmo com média salarial, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em torno de R\$ 2.025,18, contra R\$ 937,48 das atividades industriais, comerciais e de serviços, a evasão — desistência dos alunos antes da conclusão do curso, chega a 75% nas instituições particulares da região, de acordo com o mapeamento. Nos cursos de Ciências da Computação e Sistemas de Informação da UFSC, onde entram 50 alunos por semestre, a média de graduados por ano (desde 2005) é de 48 e 51 respectivamente.

Vitório Mazzola, coordenador do curso de Ciências da Computação na UFSC, afirma que a evasão está preocupando a universidade, mas que parte dela é compensada com ações como transferências internas e externas de estudantes, e novas chamadas do vestibular. O principal motivo para esta situação, segundo Mazzola, é que o aluno não sabe muito bem o que veio fazer e o que vai enfrentar no curso. Leandro Komosinski, coordenador da graduação em Sistemas de Informação, concorda. "Alguns alunos pensam que o objetivo do curso é ensinar a usar programas de computador quando, na verdade, o objetivo, simplificando, é ensinar a conceber, projetar, construir e administrar programas de computador". Komosinski também afirma que a evasão nos cursos da área tecnológica é tradicionalmente alta por causa do despreparo para raciocínio lógico-matemático, muito exigido na área.

Outro incentivo à desistência seria a própria alta necessidade de mão de obra no mercado, o que acarreta em muitas ofertas de estágios para alunos desde o segundo e terceiro semestre, com valores que variam, em média, de R\$ 500 a R\$ 1600. "O aluno é atraído muito cedo para o mercado de trabalho, e conciliar o emprego e os estudos se torna complicado. Dessa forma, a desistência ocorre gradativamente", afirma Mazzola. Apesar disso, a coordenação do curso de Ciências da Computação só regula estágios feitos a partir do quarto período.

Os coordenadores também acreditam que os estágios influenciam indiretamente, pois como a profissão não é regulamentada, uma vez aprendido o básico, em aproximadamente dois anos, alguns alunos optam por já atuarem efetivamente no mercado.

Sérgio Ricardo Simãozinho começou Ciências da Computação, mas "o curso não era bem como imaginava". Conseguiu transferência para Sistemas de Informação, e hoje, na quarta fase, faz estágio como monitor na própria UFSC. No próximo semestre, porém, pretende estagiar em alguma empresa externa. Não pretende deixar o curso, mas considera importante uma experiência profissional fora da universidade.

Alternativas

Para tentar ao menos diminuir o problema de evasão, as coordenações dos cursos da área começaram a tomar algumas medidas. Em Ciências da Computação, por exemplo, a coordenação está procurando desenvolver campanhas de divulgação mais eficientes do curso, especialmente através da web, e incentivando a visitação de turmas e estudantes que estão se preparando para o vestibular à estrutura do curso. Para gerenciar o alto índice de reprovação de algumas disciplinas, em Sistemas de Informação, procura-se recorrer a monitores para um melhor acompanhamento da matéria.

O secretário municipal de Ciência e Tecnologia, Carlos Roberto de Rolt, afirma que a prefeitura também já está tomando algumas medidas para resolver a questão da falta de mão de obra. A ideia é atingir jovens, especialmente os de escolas municipais, promovendo o contato dos estudantes com alta tecnologia e, dessa forma, fazer com que mais pessoas se interessem pela área. Se as medidas derem resultado, talvez seja possível ocupar as cerca de 2400 vagas que devem ser criadas nos próximos quatro anos, além dos 5500 empregos diretos gerados hoje. Assim, as empresas de TIC podem continuar crescendo em torno de 20% a 30% como nos últimos dez anos, e Florianópolis poderá firmar o título de Vale do Silício da América do Sul.

Lais Mezzari
laismezzari@gmail.com
Colaboração: Wesley Klimpel

TRABALHO

VALE DO SILÍCIO

Região formada por diversas cidades da Califórnia (EUA), onde estão as principais empresas, investidores e pesquisadores do setor de tecnologia. A HP foi a primeira companhia fundada na região, em 1939. Depois dela vieram Apple, em 1976, Yahoo, em 1994, Google, eBay, Facebook, entre outras. Algumas delas, apesar de não terem sido criadas na região, transferiram sua sede para lá por causa dos contatos e de programas que auxiliam o desenvolvimento dos negócios. Hoje, o Vale do Silício é considerado o berço da tecnologia e dita as tendências mundiais da área.

TEMOS
VAGAS

Empreendedorismo 2.0

Mídias sociais geram oportunidades para profissionais da Web

João Victor Queiroz Garcia

Na época em que a primeira rede social (sixdegrees.com) foi lançada, em 1997, os usuários criavam perfis e se conectavam uns aos outros apenas por diversão e entretenimento. Poucos imaginavam que um dia as mídias sociais seriam o centro das atenções na internet. Cada dia aumenta o número de instituições que buscam essas ferramentas para conquistar e fidelizar clientes. Esse tipo de site, que antes servia apenas ao lazer, agora é a galinha dos ovos de ouro dos publicitários.

As estratégias de marketing digital passaram a fazer parte das pautas de grandes empresas dos mais variados setores. A Levi's criou um provador de roupas online; em aplicativos das tintas Coral e Suvinil é possível experimentar as cores em fotos dos cômodos da sua casa - e estes são apenas 2 exemplos entre milhares de outros. Mas a maneira mais eficiente de chegar ao consumidor *web* é, sem dúvida, estar presente nas redes sociais.

Reputação online

Para estar presente nas redes sociais não basta ter um perfil no Facebook e uma conta no Twitter. É preciso manter estas páginas atualizadas e criar um relacionamento digital com o cliente. E para construir e fortalecer a imagem das empresas na internet surgiram as agências digitais, especializadas em produzir conteúdo para a *web* e alimentar redes sociais e blogs. "Se é para ter perfil em redes sociais tem que marcar presença nelas, atuar, gerar relacionamento", afirma Gustavo Alves, sócio da Imppar Comunicação e Pesquisa, agência de Porto Alegre focada em assessoria de imprensa online e offline, relações públicas no meio digital e pesquisas.

Conforme a necessidade foi surgindo, as agências também começaram a aparecer no mercado. Antes de criar a Imppar com uma ex-colega do curso de Jornalismo, Gustavo Alves trabalhou com assessoria de imprensa e em alguns veículos online. Mesmo com os riscos envolvidos, os dois não hesitaram quando surgiu a oportunidade de trabalhar neste novo mercado.

As agências criam e filtram conteúdos para blog e redes sociais interessantes para o cliente, além de fazer pesquisas periódicas para mensurar e avaliar a imagem institucional nos meios digitais. Inovar e ser criativo na produção desses conteúdos é essencial, e toda a criação de linhas editoriais, promoções, coberturas e produção de vídeos também faz parte do expertise destas empresas.

Apesar de as agências oferecerem trabalho especializado, não é tão fácil ganhar dinheiro com isso. Muitas companhias preferem manter estagiários ou pessoas inexperientes para tomar conta do relacionamento digital. É difícil convencê-las de que uma agência ou alguém com certa experiência no assunto é importante.

Estar ou não estar nas redes sociais já não é uma escolha para os empresários. As marcas estão nas redes sociais, seja com seus próprios perfis, seja em comentários, debates e críticas. O gaúcho Gustavo Alves destaca que é "muito perigoso estar nas redes sociais, mas é muito mais perigoso não estar lá para monitorar e assumir um papel de mediador".

Pesquisas de 2009 apontavam que cerca de 86% das companhias norte-americanas tinham blog e contas no Twitter, Facebook ou YouTube e que um comentário negativo na internet podia custar à empresa até 30 clientes. Para 2011, as expectativas mostram consumidores utilizando cada vez mais as redes para fazer reclamações e empresas prestando mais atenção no comportamento do cliente online e percebendo a necessidade de respostas cada vez mais rápidas.

Escola de tweets

A qualificação para trabalhar na internet ainda



pode ser um pouco cara (um curso de mestrado nesta área pode custar mais de R\$30.000), mas se as tendências se confirmarem, vai valer a pena. Vanessa Aguiar, coordenadora acadêmica de uma empresa especializada em capacitação e treinamento em comunicação e novas mídias, diz que a procura pelos cursos aumenta todos os dias. O público vai desde estudantes universitários a empresários com carreiras consolidadas em busca de compreender melhor essa nova maneira de se relacionar com o consumidor.

Para as empresas, as redes sociais são uma ferramenta fácil para se relacionar com o cliente, pesquisar a opinião dele e aprimorar a imagem da marca de acordo com isso. Vanessa acredita que não existe uma fórmula mágica para atingir esse objetivo. Deve-se dar atenção ao consumidor, falar sempre a verdade e manter o produto bom - o perfil nas redes sociais deve ser um reflexo realista da marca.

De acordo com Vanessa, a avaliação do retorno obtido com as redes sociais deve ser feita com base em indicadores reais como metas, número de seguidores, quantidade de comentários positivos e negativos, visi-

tação da página, número de páginas visitadas dentro do site ou blog, e isso deve ser levado em consideração para modificar ou manter as políticas de comunicação online. Gustavo vai ainda mais longe e diz que o retorno em redes sociais não vem em forma de faturamento, mas na qualidade de relacionamento. "Esse trabalho todo é de estreitamento com o cliente, de dar aquele carinho a mais", defende o jornalista.

Ganhar dinheiro em 140 caracteres não é tão fácil quanto parece, exige dedicação, qualificação e planejamento como qualquer outra carreira, mas pode ser muito mais divertido. Caso você não esteja disposto a esperar tanto ou gastar dinheiro com cursos, sites oferecem "kits de renda extra" para ganhar dinheiro mesmo enquanto dorme e o computador está desligado. Enquanto a bolha 2.0 não estoura, quem sonha em ganhar rios de dinheiro com alguns cliques ainda tem milhares de idéias a explorar.

Juliana Geller
bablouchka@gmail.com

Reputação
online

Especialistas
trabalham para
gerir imagem
de empresas na
internet

Web não governamental

ONGs acompanham avanço tecnológico e acham uma nova aliada

João Victor Queiroz Garcia

Durante as 24 horas que passa na internet todos os dias, Pedro Oliveira dedica tempo para o trabalho voluntário. O publicitário paulistano divulga no Facebook e no Twitter vídeos, imagens e informações sobre a organização não governamental na qual participa, a Um Teto Para Meu País. Ele e outros apoiadores da instituição são exemplos de uma tendência que funcionou muito bem em outros países e que, aos poucos, começa a aparecer no Brasil: o uso de redes sociais em ONGs.

A organização que Pedro Oliveira apoia - especializada na construção de moradias para pessoas pobres - está presente em várias redes sociais para, entre outros motivos, promover o contato e o diálogo entre os voluntários. "Acho que, de maneira não intencional, a Um Teto nos incentiva a permanecer em contato, o mais próximos e motivados possível. Postamos nas mídias sociais porque queremos e gostamos." Segundo o publicitário, os integrantes da instituição costumam publicar notícias, vídeos, fotos das campanhas de arrecadação, além de mensagens de agradecimento e estímulo para a equipe. Além de reunir quem conhece a Um Teto, essas ferramentas online também atraem mais pessoas para colaborar com a ONG. "Eu conhecia o trabalho, a causa e os valores da organização antes, mas a força que me atraiu para dentro foi a internet. Com acesso a essas redes eu pude me aprofundar mais. Ali você vê realmente como é exatamente o trabalho deles."

Além de atrair novos voluntários e reunir os atuais, as mídias sociais são um instrumento de disseminação dos ideais da instituição. Segundo Ana Maria Pereira, diretora executiva do Instituto Voluntários em Ação e entusiasta do uso de novas tecnologias no terceiro setor, essa é uma das principais diferenças no uso desse tipo de site entre organizações privadas e do terceiro setor. "As empresas utilizam as redes sociais para divulgar um produto, para que tenham sucesso nas vendas. As ONGs utilizam esses sites para divulgar uma causa, para que ela tenha sempre mais apoiadores e adeptos".

Com a possibilidade de disseminar ideias e conseguir adeptos, algumas ONGs catarinenses começam a investir nas possibilidades geradas pelas novas mídias. É o caso do Instituto Comunitário Grande Florianópolis (ICom). Criado em 2005, trabalha com apoio financeiro e técnico a outras instituições. "As novas mídias tem sido avaliadas como novas ferramentas de interação com o público. Hoje estamos no Twitter, temos um blog e um site. Além disso, postamos apresentações de slides e vídeos. No segundo semestre de 2011 queremos criar uma página no Facebook", diz Patrícia Arruda, consultora de comunicação e co-fundadora do ICom. O trabalho com as redes sociais começou no início de 2011 e começa a dar resultados. "Quando tuitamos um link para uma apresentação postada no Slideshare ou um vídeo no Youtube, o número de acessos sobe bastante. Isso mostra que há pessoas nos observando e nos seguindo". Os gestores da instituição querem expandir a presença na internet, mas preferem ser cautelosos. "Estamos desenvolvendo nossa participação nestes meios de acordo com nossa capacidade de atuar neles. Não basta apenas estar na rede. É necessário criar uma estratégia de conteúdo e mensurar os resultados."

Algumas ONGs com mais tempo de atuação



online começam a ter bons resultados offline. No caso da Um Teto Para Meu País, a web acompanhou o desenvolvimento da instituição no Brasil. Em 2006, quando a Um Teto foi criada, o site era simples e sem estratégia de divulgação. Hoje, a organização conta com um núcleo exclusivo para administrar iniciativas na área. "Começamos a trabalhar com essas ferramentas em 2009. Criamos uma comunidade no Orkut para discutir as construções de casas. Depois, criamos uma conta no Twitter, no Facebook e um canal de vídeos no Youtube", descreve Julio Lima, voluntário e coordenador de projetos web e multimídia. Hoje, essas novas mídias são as principais conexões entre a administração e os voluntários. "Com ajuda das redes sociais online, mantemos contato com nossos voluntários, prestamos conta para nossos patrocinadores e divulgamos nossa causa. As experiências que dão certo são compartilhadas com os outros escritórios pela América Latina - recebemos e enviamos muito material interessante."

Uma experiência recente feita pela ONG nas mídias sociais foi a "Grande Coleta 2011": campanha feita para viabilizar novas construções. No perfil da organização criado no Facebook, internautas pediam informações sobre a iniciativa e postavam fotos dos 60 pontos de coleta de dinheiro - as "esquinas". Todos estes pontos foram marcados na rede social Foursquare, para que quem estivesse próximo pudesse identificar o local e fazer uma contribuição. Vídeos promocionais, mostrando o trabalho de grupos de voluntários na rua, eram postados no Youtube e divulgados no Twitter. No final do dia, a organização postou o resultado - R\$ 75 mil - e 231 pessoas "curtiram" isso. "Criamos um evento no Facebook para a esquina que eu era chefe. Também tínhamos uma "arrecadação online" no site Vakinha

- não coletamos muito pelo pouco tempo que tivemos", avalia o voluntário Pedro Oliveira.

Profissionais

A disseminação dos ideais das ONGs no espaço virtual é importante, mas deve ser feita com cuidados e responsabilidade. Os profissionais que lidam com esse tipo de ferramenta devem ter características como proatividade, facilidade de comunicação, boa redação e afinidade com as novas tecnologias, além de acreditar nos ideais da instituição. Para Ana Maria Pereira, além do comprometimento com a causa da instituição, a pessoa que lida com as redes sociais deve atuar como um especialista. "O profissionalismo na utilização dessas ferramentas online deve estar presente em todas as áreas - com o terceiro setor, não é diferente."

Como algumas mídias sociais permitem a criação gratuita de perfis, as instituições não as levam muito a sério. "Certas ONGs pensam que esse é um investimento 'barato'. Posso garantir que não é - envolve bastante tempo e dedicação", afirma Lima. Ele acredita que a presença nesses sites não é obrigatória, mas deve ser bem pensada pelos gestores. "É preciso ver se realmente existe a necessidade de uma estratégia maior na web, definir conteúdos e públicos. Rede social não é só autopromoção - deve haver conteúdo relacionado com a causa. Não basta ter uma conta na rede social: é necessário integrar as ações online e offline."

Diego Cardoso
diego.kardoso@gmail.com

INTERNET

Sem atenção

Apesar da importância, ainda há poucos profissionais voltados para as mídias

Discussão sobre a morte motiva reflexão sobre a vida

Psicologia e religiões discutem maneiras de encarar a morte com naturalidade. Tema ainda é tabu, mesmo sendo parte de nosso dia a dia

Quando ligamos a televisão, ouvimos rádio, abrimos o jornal ou algum site de notícias é comum que entre as informações apareçam relatos de mortes. Seja de desconhecidos ou figuras públicas, um aviso na coluna de óbitos ou convite para uma missa de sétimo dia. Diferentes contextos e pessoas, acontecimentos particulares ou de impacto nacional e internacional. Todos compartilham o fato de que, independente da circunstância, a morte é um fenômeno natural que desperta diferentes sentimentos e divide opiniões sobre *o que vem depois*.

No mundo das idéias, das artes ou no cotidiano as representações são diversas: capas negras com foices, anjos, túneis de luz. Mesmo nas histórias infantis, é só recordar dos gibis de Maurício de Souza com tirinhas da Turma do Penadinho e Dona Morte.

Na filosofia e na música o tema segue recorrente. Mas por que falar da morte? A noção dualista de um alma/espírito independente do corpo permanece no imaginário popular e a dúvida fundamental da continuidade da vida após o falecimento persiste.

Antes de partir

Para a medicina a morte é definida quando o cérebro para de funcionar. O avanço tecnológico permitiu, mesmo em casos de parada cardio-respiratória, a reanimação da pessoa. O falecimento que antes era um evento familiar hoje é responsabilidade dos hospitais. A contradição se estabelece quando, por um lado, médicos e enfermeiros têm como função evitar a morte dos pacientes e, de outro, atuam psicólogos que trabalham a aceitação daquele que já está em fase terminal.

A psicóloga Lorena Silva atua não só com quem recebe o diagnóstico, mas principalmente com

as famílias na resignificação do fenômeno. "Falar do tema ainda é tabu porque envolve questões de posse e apego, não aceitamos algo que não estamos no comando. Outras vezes a morte é vista como uma privação, um não permitir viver aquilo que ainda não vivi", explica.

Os principais sentimentos relatados pelos pacientes são medo, culpa e insegurança. Em alguns casos, surgem histórias antigas onde alguém amedrontou a pessoa com o discurso "Deus castiga". Lorena conta que há necessidade de explorar essas fantasias pois, já que não existem certezas do que vem depois, o paciente pode encontrar novas referências que o deixem em paz com o que vai acontecer. Algumas medidas utilizadas pela psicóloga envolvem a recomendação de filmes, livros e poesias sobre o tema — seja na forma de comédia ou drama. As orientações legais, como testamento e partilha de bens também são tratadas.

Mas se as dúvidas são de ordem metafísico-espiritual, Lorena é direta: "Aí eu encaminho para um padre, um pastor ou outro representante espiritual. Para auxiliar, é preciso entender as compreensões de cada paciente. A religiosidade ainda é a referência mais forte nesse momento". Também são inúmeras as reconciliações familiares; os pedidos de perdão são mais frequentes entre católicos. "Geralmente acontece só uma conversa, as pessoas expõem os porquês das diferenças, se entendem e fica por isso mesmo".

Pequena morte

Se a ciência ainda não deu uma resposta definitiva, há anos religiões tentam explicar de acordo com seus códigos o que acontece quando o corpo físico/material morre. Em crenças neoxamânicas como o Santo Daime, há um diálogo de conceitos da psicologia com as experiências de quase morte (EQMs) vivenciadas por alguns dos praticantes durante as cerimônias com o chá.

Os daimistas acreditam que há um céu de reencarnações e uma realidade paralela após a morte física. A estrutura ritual possui forte influência de outras religiões como a católica e o espiritismo porque o Santo Daime ainda não possui uma teologia consolidada. Na formação de um xamã a experiência de morte é um dos requisitos fundamentais, pois seu papel ritual é transitar entre dois mundos. Inclusive o nome do chá utilizado, a *ayahuasca* (feito de uma combinação de raízes), significa *pequena morte*. Mas nem todos que passam por isso se tornam, necessariamente, xamãs e nem todos que tomam o chá vivenciam essa sensação.

Para José Olímpio da Silva, 43 anos, há 18 no Daime, o receio das pessoas em falar sobre a morte é porque isso as obriga a discutir a vida: "Há uma resistência coletiva inconsciente em falar da morte porque o resultado gerado por esta reflexão implica em mudanças radicais no seu modo de vida".

Ao relatar uma de suas experiências de quase morte, ele conta que passou por etapas. Primeiro, há a negação da vivência, segundo uma tentativa de "negociação" para evitar a morte, após isso se chega a um estágio de depressão e angústia profunda seguido de várias imagens arquetípicas do que seria o purgatório e o inferno. Nesta parte, segundo ele, quanto mais você relutar em "deixar-se morrer" pior é a sensação. Ao final, há uma compreensão e entendimento do acontecimento. "É um processo espiritual terapêutico, é como reviver o seu nascimento", explica.

Novo corpo

Diferente das tradições xamânicas, o catolicismo não crê na possibilidade de trânsito entre dimensões. O padre José Besen, que atua na paróquia Nossa Senhora Aparecida da comunidade Chico Mendes, explica que há uma confusão com as crenças populares cristãs e a antropo-

logia teológica atual. "Há esta idéia de que a alma deixa o corpo após a morte. Mas na verdade a igreja católica considera que somos espíritos encarnados, ou seja, alma em carne e não há esse aspecto dualista".

A tradição católica utiliza o conceito de ressurreição e não de reencarnação. Mas essa não ocorre com o corpo físico que temos em vida, é um processo em que há uma transfiguração da matéria em uma substância eterna e uma nova vida segue em uma realidade desprovida de tempo-espço. "A ressurreição só ocorre quando há um cadáver completo, ou seja, quando a última célula do corpo deixa de funcionar", explica o padre.

Sobre o medo ou repulsa em falar do tema, Besen aponta que "a maior dificuldade é que as pessoas não crêem no perdão. Deus não castiga, o que acontece é que as próprias pessoas não se perdoam pelos seus atos e acham que haverá punição".

Na discussão sobre a vida após a morte, sobre o céu e o inferno, coloca-se que sem a existência de um inferno não haveria escolha

e, portanto, não haveria liberdade. Para o padre, o conceito do inferno é mais uma condição do que um lugar. "É o ser que vive no desespero por não compreender o amor de Deus e acaba por rejeitá-lo". Outra questão é o corpo após o falecimento. "Para o catolicismo é indiferente enterrar ou cremar, porque na eternidade não há matéria. Não aceitamos que as cinzas sejam espalhadas em algum lugar, pois é importante que haja uma lembrança, um local de honra ao morto".

Sobre a possibilidade de diálogo entre ambas as realidades, a nossa e a pós-morte, padre José afirma que são dimensões incomunicáveis. "O que pode acontecer é a pessoa falecida pedir a Deus que este envie um mensageiro, um anjo, a alguém. Nós não temos contato direto com quem já morreu, tanto que nas orações não rezamos *pelos mortos*, mas *a Deus pelos mortos*".

Matéria e espírito

Nos últimos meses vimos nos cinemas filmes com temáticas espíritas como *Chico Xavier*, *As mães de Chico Xavier* e *Nosso Lar*. O espiritismo é uma das maiores religiões do Brasil, centrado principalmente na tradição deixada por Chico Xavier e se encaixa dentro da linha cristã. A diferença central com o catolicismo é a comunicação entre diferentes dimensões.

O espiritismo, em sua doutrina, especifica que somos constituídos de corpo, perispírito e espírito. O primeiro diz respeito ao nosso aspecto material, o segundo é o que dá forma ao espírito — como um molde — e o último não tem forma definida, é apenas luz, energia. O espírito se mantém junto ao corpo através da energia vital. Olenyr

Teixeira, presidente da Federação Espírita Catarinense, explica que o ser principal é o espírito e o corpo é como um acessório. "A morte é um retorno à nossa vida verdadeira, à pátria espiritual. Deveríamos encarar a morte com alegria. A saudade é saudável, mas não deve se tornar desespero".

Na cerimônia de velório e sepultamento é feita apenas uma oração, estimulando o silêncio e a meditação. Segundo a doutrina espírita, estamos neste mundo para vivenciar experiências que nos auxiliem a progredir como seres. "Não recomendamos evocar espíritos nas sessões mediúnicas. Somente entramos em contato com

branco. Depois é realizada uma oração e o enterro deve ser diretamente na terra, sem caixão, quando possível. Nascer do sol, horário de sol a pino e pôr-do-sol são horários não recomendados para o enterro, pois o sol é um dos símbolos associados a Deus e se contrapor a ele é considerado uma ofensa. "Devemos aceitar a morte como uma consequência natural da vida. Se um dia ganhamos algo do criador, inevitavelmente vamos perder, esse movimento de criação e recriação divina é constante. Por isso, diante do falecimento de alguém querido, não devemos contestar esta vontade".

Nada é eterno

Nem alma, nem corpo, mas um fluxo de eventos mentais que não inicia com o nascimento e nem termina com a morte. Diferente das visões já descritas, o budismo aborda a morte através da condição humana de impermanência. Isto é, nosso corpo e mente estão em constante processo de transformação e, dessa maneira, não há uma abordagem através de conceitos como corpo ou alma quando trata-se da morte. Os ensinamentos budistas estão direcionados a uma conscientização de que nada neste mundo é eterno, mas isso não constitui um problema, não há uma batalha para vencer esta transformação constante da vida.

O monge Joaquim Monteiro, 55 anos, entrou em contato com os ensinamentos budistas aos 17 anos quando seu pai faleceu, depois de passar 5 anos em estado vegetativo por conta de um acidente. "Eu vivenciei muito cedo a situação de sentir a impermanência na vida presente. Já não bastava uma explicação como uma alma ou algo assim", conta. Ele explica que a morte em si não constituiria um problema para as pessoas se não houvesse "a ignorância".

Esta ignorância seria o senso que temos de uma vida estável, de uma perenidade. "Por isso o falecimento de alguém próximo nos choca tanto, porque abala nossa percepção de que somos eternos e imutáveis", esclarece.

Para os budistas, conhecer e compreender o princípio de impermanência é fundamental para superar o receio ou resistência em falar sobre o fim da vida. Para isso, colocam-se três etapas: Primeiro, ouvir o ensinamento,

para depois refletir sobre ele até iniciar a prática de meditação. O monge destaca ainda que "a consciência de nossa mortalidade não deve ser pesada, mas encarada como algo saudável, pois morrer é a consequência necessária da impermanência. Tornar-se capaz de morrer é equivalente a ser capaz de viver".

Não há uma idéia de salvação nem reencarnação no budismo. Fala-se de renascimento. Monteiro diz que esta questão é complexa. "Poderia ficar um ano dando aulas sobre isso, mas vou tentar explicar de uma forma

racional: na reencarnação temos *A* que morre e volta em outro corpo, mas ainda como se fosse *A*. No renascimento, fala-se de um *A* que morre, mas que será um fator determinante para a existência de um *B*, diferente do primeiro, mas não totalmente, já que a existência de *B* está correlacionada aos eventos realizados por *A*".

O monge também ressalta que as cerimônias feitas em honra a alguém que morre são, em grande parte, mais em benefício de amigos e parentes do falecido, diferente do que ocorre com outras religiões em que se reza pela alma ou para encaminhar o espírito para um bom lugar. O budismo não possui a idéia de alma ou salvação/ressurreição. A cerimônia tem um caráter de consolo e solidariedade social.

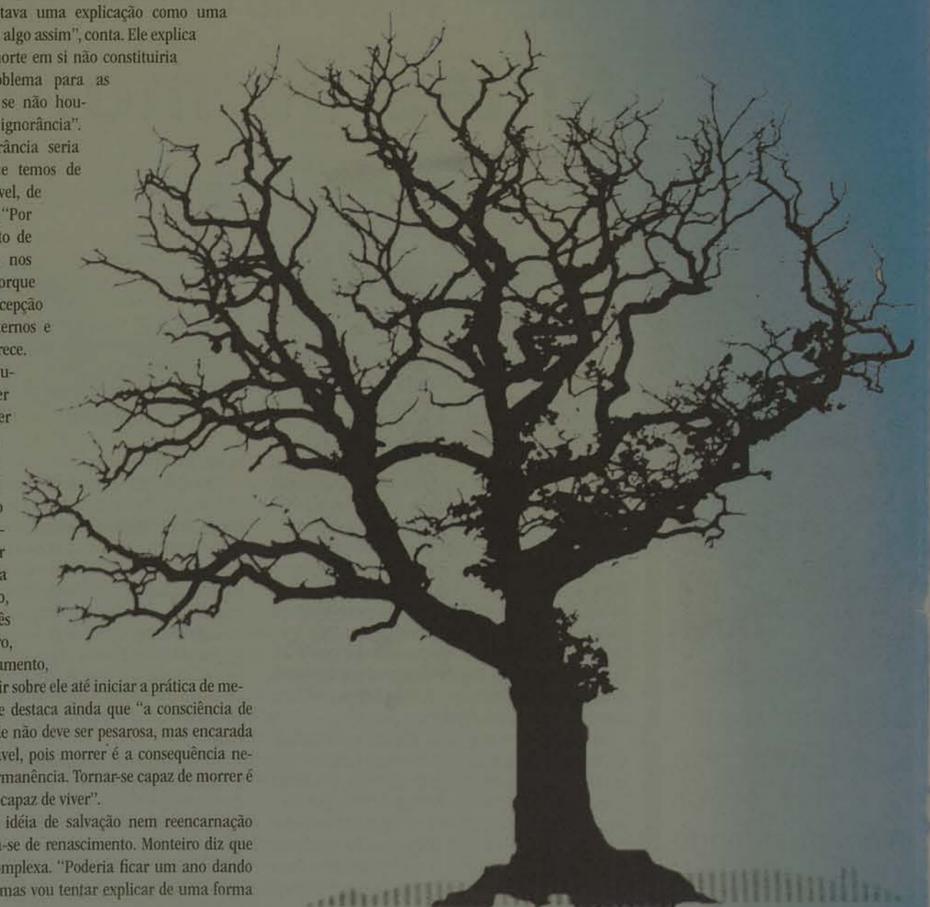
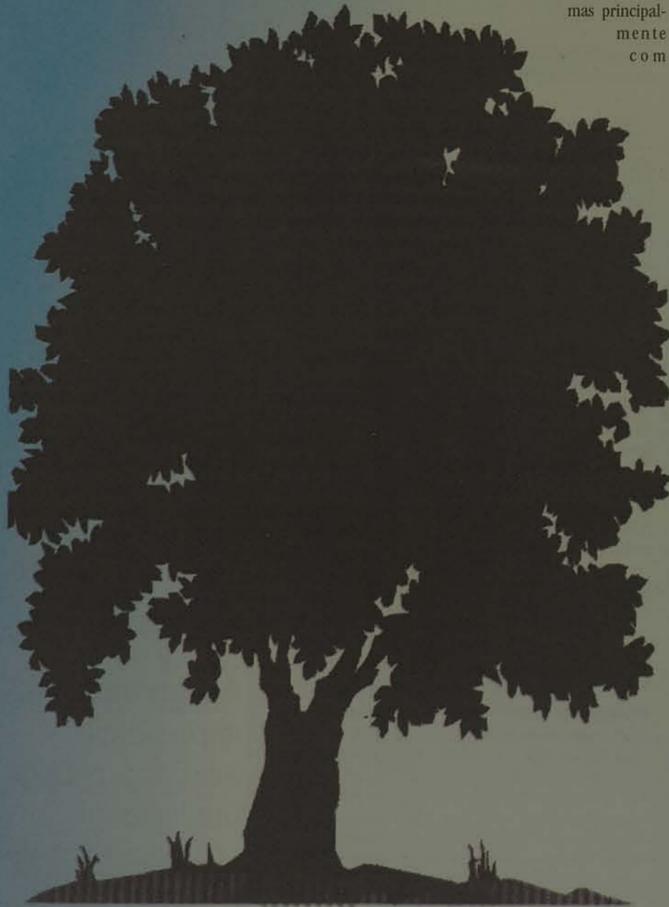
Morte e vida

Mesmo com os avanços da medicina não podemos dar as costas à certeza de que um dia todos morreremos. Por outro lado, as religiões e filosofias demonstram maneiras de encarar o fenômeno, atenuar o sofrimento e aceitar o fato com mais naturalidade. O importante é não descartar o assunto de nossas reflexões, não tratar a morte como um tabu pois, ao discuti-la podemos, ironicamente, encontrar maneiras de viver intensamente.

Camila Collato
camila.collato@gmail.com

É O FIM?
Religiões
tem formas
distintas para
explicar o
que vem
depois

PREPARAÇÃO
Deixar ideias
negativas da
morte para trás
ajuda pacientes
terminais



Feliz aniversário, Carlos

Atleta comemora 60 anos percorrendo mais de 6 mil km em SC

Carlos Duarte acorda às 6h, faz um lanche, corta alguns pelos da longa barba grisalha, verifica todos os equipamentos de segurança, arruma as malas e se aquece para mais uma corrida. Desde o dia 31 de maio, ele corre por rodovias movimentadas e faz longos trajetos de bicicleta contra ventos fortes durante todas as manhãs. Essa empreitada esportiva tem nome e site na internet: Projeto UNA Santa Catarina. Até o final de setembro, Duarte percorrerá a pé e de bicicleta todos os 293 municípios catarinenses para comemorar, de uma forma mais divertida, o aniversário de 60 anos.

O quase-sexagenário atleta nascido em Visconde do Rio Branco (MG) planejou essa viagem de mais de seis mil quilômetros nos últimos dois anos, sem deixar de lado a vida de maratonista profissional e empreendedor de eventos de aventura como o Desafrio de Urubici. "Não organizei tudo em tempo integral – tenho compromissos importantes pra resolver – mas queria um desafio pessoal neste aniversário." A comemoração (e a chegada) será no dia 27 de setembro em Florianópolis – lar de Carlos desde 1993 e local onde o UNA Santa Catarina começou. Quando quer falar sobre o Projeto, Duarte faz um tradicional discurso de atleta apaixonado. "Essa é uma idéia muito complexa em vários aspectos. Queria conhecer Santa Catarina, todos os cantos, todas as partes. Afinal, sempre gostei de aventuras."

Para percorrer tantos quilômetros sem nem parar ao meio dia para comer uma canja, o maratonista conta com a ajuda técnica da esposa. Com dois filhos crescidos, Maria de Fátima Duarte – professora aposentada pela UFSC – dá suporte para Carlos:



Acervo pessoal

segue na frente para tentar conversar com o prefeito, pedir algumas informações sobre a região e garantir a noite de sono num hotel ou pousada. Nesse ritmo, o casal consegue passar por três cidades em um dia. "Cada dia tem um prazo, não podemos perdê-los. Às vezes a manhã está tão bonita que ela quer descer e pedalar um pouco, mas alguém tem que levar a caminhonete, né?"

Com supervisão técnica da esposa, muito tempo e dinheiro para investir pelas estradas de Santa Catarina, Carlos Duarte pretende completar o desafio, escrever um livro e lançar um DVD com fotos tiradas durante o Projeto UNA SC. "Esse meu planejamento vai sofrer algumas alterações. Trechos de praia ou com muito vento são mais lentos, por exemplo. Esses dias eu peguei um vendaval de 50 km/h. Minha bicicleta não conseguia parar em pé! Mas eu não quero voltar pra Florianópolis antes de percorrer todo o trajeto, certeza."

O professor sempre tem uma mensagem desportiva-motivacional para fechar as conversas. "Não temos com quem competir nesse projeto. Quando você quer muito ganhar de alguém, há um desgaste grande. A gente vai superando e fazendo a coisa com calma." E mesmo com o discurso de um jovem Carlos capoeirista, ele não esquece que hoje é o quase sessentão professor Duarte. "Tenho que ir devagar. Afinal, no outro dia sempre pode ter uma roubada forte."

cuida da alimentação, hidratação e aquecimento do atleta, principalmente quando passam por regiões mais frias. Ela está acostumada às comemorações exóticas do professor em datas especiais. No dia do casamento ele saiu da igreja e foi confraternizar com os irmãos, de terno e gravata, numa roda de capoeira. "O padre quis nos expulsar da Igreja achando que era macumba!", relembra Carlos.

O casal pensou numa série de ações para que a viagem do professor seja a mais suave possível. Enquanto ele corre ou pedala até o próximo município, ela dirige uma caminhonete e um pequeno trailer. Antes do marido chegar, a esposa

Diego Cardoso
diego.kardoso@gmail.com

Antes de morrer...

"Paz, felicidade, saudade, harmonia e amor" são os dizeres da lápide que dona Maria limpa diariamente há quatro anos. A rotina dessa senhora de 83 anos de idade até pareceria normal, se não fosse o detalhe que o túmulo e as flores são para ela mesma. No seu quarto o que mais chama a atenção é o caixão que dona Maria comprou há três meses e onde, todos os dias, passa um paninho com óleo de peroba para dar brilho.

Sentada em sua cama, parece bem satisfeita com a vida que leva hoje. "Sempre me disseram que, quando a gente fica velho, tem que arranjar alguma coisa pra fazer, pra se ocupar, sabe? Senão fica maluco. Tudo que eu fiz foi arranjar algo que tenha que cuidar, algo que se eu não fizer, ninguém vai fazer por mim." Maria mora no asilo há seis anos e não tem mais nenhum parente próximo ainda vivo.

Pouco antes de se mudar para um conhecido lar de idosos de Joinville, a ex-dona de casa perdeu o marido e o único filho em um acidente de carro. Como é filha única e seus pais já haviam morrido há muito tempo, acabou se vendo sem ninguém para apoiá-la naquele momento. "Depois que meu marido e meu filho morreram, não consegui mais ficar em casa. Todo lugar que olhava me lembrava deles. Então decidi vir para cá, onde tinha com quem conversar e podia me distrair um pouco".

Depois de superar o baque de perder sua família, dona Maria chegou à conclusão que ninguém iria cuidar do seu enterro quando morresse. Ela tinha organizado o funeral e o enterro de seus parentes: comprado jazigos e caixões, encomendado lápides. E todos os dias cuidava para que as sepulturas estivessem sempre limpas. Sem ninguém para fazer isso por ela, decidiu encaminhar todos os preparativos



Hermano Buss

de sua própria morte.

Maria foi até o cemitério e comprou uma cova ao lado à de seu marido. Para o caixão, escolheu o que parecia ser mais confortável e espaçoso. Optou pelo roxo no interior, pois sempre considerou uma cor delicada e achava que combinava com o branco de sua pele. Mandou fazer uma lápide de mármore escuro com seu nome completo, a data de nascimento, o epitáfio e uma foto em preto e branco, de quando tinha 35 anos. "Eu sou sozinha no mundo. Se eu deixasse todo este serviço pra alguém que nem me conheceu direito, é provável que eu não gostasse. Aí, pra dar o troco, eu ia ter que puxar o pé dele na cama!"

Os outros moradores do asilo já se acostumaram à excentricidade de dona Maria. Para seu vizinho de quarto, Orlandino Nascimento, o bom humor da idosa contagia a todos na casa, apesar de o caixão no quarto assustar. "Ela faz a gente ter menos medo do que não podemos evitar. Mas ainda é estranho pensar que a moça da foto na lápide está em pé do nosso

lado." Apesar de alguns moradores estranharem os costumes da colega, profissionais os consideram de grande importância.

Para a terapeuta ocupacional Sinara de Menezes, o hábito é bom para a saúde mental dela. "É importante que todo idoso tenha algo para se ocupar. Ela criou uma coisa para fazer diariamente, e isso ainda a ajuda a enfrentar o medo da morte. No tempo restante ela assiste filmes, resolve palavras cruzadas e faz crochê para os outros moradores do asilo. Ela é perfeitamente saudável e gosta do que faz."

Quando questionada sobre a data de morte que falta na lápide, Dona Maria é firme e bem humorada. Acha que ainda falta muito tempo para aqueles números serem preenchidos. "Sei que eu vou continuar em pé por muito tempo. Mas de tanto eu levar flor pro meu próprio túmulo, acho que o pessoal lá em cima está ficando com medo de mim!"

Hermano Buss
hermanobuss@gmail.com

**Duas
direções**
Enquanto alguns
correm pela
vida, outros
esperam a morte
chegar

Pequenos e bem cuidados

Avanços na medicina neonatal ajudam a salvar bebês prematuros

SAÚDE

Dirk Ruhland

Pedro de Lima Freitas nasceu com 32 semanas, prematuro. Pequeno, foi direto para a incubadora, procedimento comum na UTI Neonatal, já que o bebê normalmente não consegue respirar sozinho. O caso não era dos mais graves, não houve nenhuma complicação no parto e o bebê não possuía nenhuma doença. O local escolhido para o parto foi o Hospital Universitário. Os pais moram em Palhoça e fazem questão de atravessar a ponte pelo menos uma vez por semana para o acompanhamento pós-UTI feito no HU. A distância, diz a mãe, Micheli de Lima Duarte, compensa o bom tratamento que recebem. “Fui a outros hospitais e todos foram grossos, não me deram atenção.”

A estrutura do setor neonatal Hospital Universitário não é perfeita – na verdade, está longe disso. São três alas pequenas: uma para emergências, onde ficam as incubadoras; uma para bebês em recuperação e que conseguem respirar sozinhos; e uma de isolamento, para evitar o contato da criança com funcionários ou visitantes, visando prevenir alguma doença de transmissão aérea. Além da demanda do próprio hospital, há prematuros vindos do interior do estado – locais que não têm recursos para cuidar destas crianças. Chefe da UTI Neonatal do HU, Anelise Souto relata que é comum ser negada a entrada de bebês por falta de espaço. “Algumas vezes temos que receber a criança por causa do programa Vaga Zero, que obriga os hospitais a liberarem leitos para pacientes em estado emergencial. Porém, se o bebê precisa de uma incubadora que está ocupada, não temos como desocupar”, diz Anelise. Para ela, esse não é um problema exclusivo do Hospital, mas comum a todos.

Bebês em estado de saúde urgente, de muita gravidade, tem atendimento prioritário nos hospitais. A complexidade dos casos varia muito: com quantas semanas o bebê nasceu, o peso e as eventuais doenças que a criança possui. “Há situações muito difíceis, com crianças de menos de um quilo, 26 semanas, que têm uma taxa de mortalidade muito alta”, explica Anelise, e alerta: “Não quer dizer que os outros casos não preocupem. É preciso entender que simplesmente por nascer prematuro, o bebê já corre riscos”.

Uma pesquisa feita na UFSC, pelo Departamento de Pediatria e pelo Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública, revelou que entre 1999 e 2006 a taxa de sobrevivência de crianças que nascem em São José e Florianópolis, com peso entre 500 e 999 gramas, foi de 32% – um número muito baixo se comparado, por exemplo, a taxa de sobrevivência dos bebês que nascem entre 1kg e 1,5kg (82%). De acordo com a pesquisa, no período estudado, a taxa de sobrevivência diminuía juntamente ao peso de nascimento do bebê.

Avanços nos cuidados

Mesmo com taxas altas de mortalidade, as estatísticas melhoraram muito nos últimos quatro anos. Ainda segundo a pesquisa feita na UFSC, entre 2002 e 2006 houve um aumento na probabilidade de sobrevivência de nascidos nas duas cidades, com menos de 2kg: de 77% para 82%. Um dos responsáveis pela melhoria das condições de vida dos prematuros foi o avanço tecnológico dos últimos 20 anos.

Segundo Anelise Souto, três tecnologias de tratamento proporcionaram mais tempo de vida para os bebês nas UTIs neonatais. A possibilidade de se aplicar surfactante pulmonar – um líquido presente em todos nós e que permite a respiração da criança – ajudando no combate às doenças e nos problemas respiratórios, muito comuns em prematuros; as melhorias na ventilação das incubadoras, que antes utilizavam o sistema de adultos; e o uso de corticoides em mães, durante a gravidez, que previnem certas



complicações e ajudam na formação do feto.

No HU, a estrutura evoluiu bastante desde a criação da UTI Neonatal, 15 anos atrás. São 16 leitos e 11 incubadoras. O equipamento presente é suficiente, mas Anelise acredita que poderia ser melhor. “Não vou reclamar do que temos, jamais. Sinto apenas que há pouco investimento na parte neonatal do HU, infelizmente dependemos do capital do Hospital, e sabemos que é difícil fazer a distribuição por todas as alas”.

Não basta salvar vidas

Uma das mudanças no atendimento neonatal não foca o bebê, e sim a família como um todo. É o chamado tratamento humanizado. A partir do momento em que se descobre que a criança pode nascer prematura, inicia-se um acompanhamento psicológico com a família, como maneira de prepará-los para as dificuldades. A mãe é levada para conhecer a UTI, ver os equipamentos de perto e conhecer crianças nessa situação. “A ambientação com o local onde a criança vai ficar é um passo importantíssimo para todo o processo”, relata a chefe da Psicologia Neonatal do HU, Zaira Aparecida de Oliveira Custódio.

O acompanhamento continua após o parto, com o Método Canguru. São três passos no atendimento dentro da UTI, que incluem os familiares no tratamento do recém-nascido. Enquanto o bebê está na incubadora, os pais, pouco a pouco, começam a se aproximar dele. “O contato gradativo é bom para que possam se acostumar com a situação, até não estranharem mais. Costumo dizer que são pais e mães prematuros, eles também estão vivendo uma situação nova”, explica Zaira. Enquanto a criança não atinge um bom peso a mãe fica hospedada no próprio hospital. Lá, ela pode ter acesso irrestrito ao filho, além de conviver com outras mães.

Após conseguir respirar e crescer, quando chega por volta de 1,2 kg, o bebê vai para uma ala chamada de “Sala Mãe-Canguru”, onde mães e bebês em processo final de recuperação ficam juntos. A mulher passa então a amamentar, dentro de uma roupa que lembra um canguru, gerando contato pele com pele. “É importante para a mãe poder pegar o filho no colo, e ajuda o bebê em recuperação sentir o calor do corpo”, ressalta Zaira.

Por fim, mãe e filho são liberados para voltar para casa. A criança sai com aproximadamente 1,7 kg, e retorna para alguns atendimentos, até que chegue perto de 2 kg, quando passa a visitar o ambulatório. Micheli conversou com a reportagem do ZERO antes

da primeira consulta, e lembrava bem do tempo na UTI. Pedro ficou poucos dias na incubadora, e dois meses / duas semanas na Sala Mãe-Canguru. “Foi incrível o atendimento que eles me deram. Foram muito atenciosos, preocupados, sempre me deixavam ver meu filho. A gente se assusta, sabe? Mas aí eles vinham e me confortavam. Fico sem palavras.”

O acompanhamento pós-UTI segue até a criança completar dois anos de idade. Segundo o supervisor do ambulatório, Rogério Tessler, é preciso “monitorar possíveis sequelas tardias da prematuridade”. Ele alerta que o acompanhamento psicológico feito na UTI não prossegue no ambulatório, e apenas quando necessário há encaminhamento a serviços especializados.

Seja com a melhoria de equipamentos, seja com o atendimento humanizado, as UTIs Neonatais operam atualmente em condições muito melhores que há 20 anos. Roberta Costa, chefe das enfermeiras do HU, expressa bem o sentimento de todo que ali trabalham: “As pessoas podem achar que é simplesmente uma criança pequena, mas ter um filho prematuro é muito complicado, e tem que ser levado a sério.”

Vinicius Schmidt
viniufsc@gmail.com

Tratamento humanizado
A família recebe atendimento psicológico antes do parto

Thomé Granemann Rosa



Cultura (in)dependente

Ineficácia das leis de incentivo à cultura estimula a proliferação de circuitos alternativos e independentes em Santa Catarina

Eduardo Trauer



TEATRO

A atriz e produtora Mariane Feil enfrenta dificuldades para viabilizar as peças

Em Florianópolis, um grupo de teatro está superando as dificuldades de trabalhar com arte. O espetáculo Teatro de Quinta, que está em cartaz há sete anos e já foi visto por mais de 50 mil pessoas, se mantém nos palcos apenas com o dinheiro dos ingressos vendidos, sem nenhum patrocínio oficial.

O produtor da Ponte Cultural e responsável pelo grupo, Renato Cristofolletti, explica que a maioria dos artistas depende do apoio do governo para executar os trabalhos. “As plateias aumentaram nos últimos cinco anos e isso permite que trabalhos locais ganhem destaque e se mantenham ativos, mas ainda é fundamental o apoio do poder público”.

Os artistas do Brasil têm poucas opções quando o assunto é como trabalhar. Isso porque para montar um espetáculo de teatro, por exemplo, ou se paga do próprio bolso e reza para ter uma boa plateia, consegue um patrocinador privado, ou recorre a alguma lei de incentivo. Esta última opção deveria ser uma boa escolha, porém na prática pode representar muita dor de cabeça para os produtores culturais.

O governo federal criou durante a administração Lula algumas políticas culturais como o Pontos de Cultura, pelo qual entidades desenvolvem ações de impacto sócio-cultural em suas comunidades e são reconhecidas e apoiadas financeira e institucionalmente pelo Ministério da Cultura (MinC). Em Santa Catarina, foram 60 entidades selecionadas – 12 só em Florianópolis. Outro projeto é o Cine Mais Cultura que, através de editais e parcerias diretas, disponibiliza DVDs de obras brasileiras e realiza oficinas de capacitação cineclubista, atendendo prioritariamente periferias de grandes centros urbanos e municípios.

Entretanto, a ação mais conhecida no meio cultural é a Lei Rouanet (LR), criada em dezembro de 1991, institui políticas públicas para a cultura nacional, como o Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac). O grande destaque da LR é a política de incentivos fiscais que possibilita as empresas (pessoas jurídicas) e cidadãos (pessoa física) aplicarem uma parte do imposto de renda (IR) devido em ações culturais, 6% e 4%, respectivamente.

O propósito da lei é educar as empresas a investirem em arte, uma vez que o patrocínio, além de fomentar a cultura, valoriza a marca junto ao público.

No entanto, a lei tem sido questionada, pois muitas empresas estão interessadas apenas na propaganda. Outro ponto que gera críticas é a iniciativa privada ficar responsável por decidir quais formas de cultura devem ou não ser patrocinadas.

Uma das últimas polêmicas envolvendo os incentivos culturais ocorreu quando a cantora Maria Bethânia recebeu, através da LR, aprovação de incentivos na ordem de R\$ 1,3 milhão para a criação de um blog com vídeos de poesias. O fato gerou repercussão negativa e a cantora se defendeu afirmando que não recebeu verba nenhuma do MinC para a criação do site, apenas teve autorização para captar o valor da iniciativa privada.

O produtor de teatro de Florianópolis Anderson Barbarotti acredita que para trabalhar com cultura no Brasil é necessário investir do próprio bolso e torcer para ter retorno, buscar um patrocínio privado ou se inscrever em políticas públicas de incentivo. “O artista precisa expor o que faz, além de saber o que o governo pode oferecer. Temos que ir atrás dos nossos direitos para conseguir fomentar a obra”, comenta.

Em Santa Catarina, até o momento, 8.857 atores, dançarinos e técnicos de espetáculos foram registrados profissionalmente no Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos e Diversão (Sated), de Florianópolis. Desses, apenas três mil realmente trabalham na área. Segundo “Festinha”, como é conhecido o coordenador do sindicato no meio artístico, o alto número de atores que não trabalha com artes se deve a falta de oportunidades.

O coordenador do curso de artes cênicas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Fábio Salvatti, explica o problema econômico do setor está relacionado ao fato da produção de cultura ainda estar voltada para São Paulo e Rio de Janeiro. “O mercado está muito relacionado com a mídia. A lógica das celebridades de televisão faz girar o maior capital naqueles estados. Os artistas anônimos acabam perdendo espaço”, desabafa Salvatti.

A atriz e produtora Mariane Feil acredita que os mecanismos públicos não devem ser os únicos responsáveis pelo fomento da cultura na sociedade. “Vejo municípios em algumas regiões se mobilizando através de consórcios de espetáculos, fazendo parce-

rias com grupos de outras cidades, mas com certeza uma boa política pública para cultura resolve grande parte do problema. Quanto mais investimento na cultura e arte, mais o governo economiza em outros departamentos como educação e saúde. A arte pode mudar a vida das pessoas, por isso o investimento em cultura é mínimo, quando comparado ao benefício para a sociedade”, opina.

Mariane lembra ainda que grandes produtores ou artistas conhecidos levam vantagem e conseguem essa captação de forma mais fácil. “Os pequenos produtores levam mais tempo, porém não é difícil ter um projeto aprovado e conseguir a captação de recursos junto às empresas. Até porque elas querem um retorno de mídia e marketing”, comenta.

No final de 2005, foi criado o Circuito Fora do Eixo, uma rede de trabalhos concebida através de uma parceria de produtores de Cuiabá (MT), Rio Branco (AC), Uberlândia (MG) e Londrina (PR), que queriam estimular a circulação de bandas, o intercâmbio de tecnologia de produção e o escoamento de produtos nesta rota.

Em Florianópolis, o primeiro ponto de articulação com o Fora do Eixo é o Coletivo Cardume Cultural. Júlia Eléguida, uma das responsáveis do projeto, conta que as atividades são financiadas pelos próprios membros, através de parcerias com o Diretório Central de Estudantes da UFSC e produtores culturais como o Clube da Luta. “Alguns dos nossos projetos de grande porte, como a Mostra de Cultura Comunitária e o UFSTOCK, possuem em seu planejamento a possibilidade de obtenção de recursos através de editais e leis de incentivo”, revela.

“Uma alternativa de financiamento que será testada este ano é o Crowdfunding, em que os interessados financiam o projeto e, caso se atinja o valor estipulado, se consegue colocar a proposta em prática. Temos como referências as plataformas como o Queremos, Catarse.me, o Movere.me, que possibilitam desde a realização de shows e peças teatrais, a publicação de livros e até a reforma da casa do Fora do Eixo SP”, conta Júlia Eléguida.

Projetos

O Circuito Fora do Eixo pretende estimular produções culturais de forma independente

Cultura durante a infância

Apesar de iniciativas, produção cultural para crianças é escassa

“Era uma princesa, tinha um brilho forte no olhar, via nas estrelas companheiras de brincar, havia um rei malvado, invejoso para danar, quis roubar seu brilho, transformar em pó e tomar com água”.

O trecho acima faz parte do curta-metragem A lenda do brilho da lua, de Gabriela Dreher, uma das 33 produções da caixa comemorativa lançada na 10ª edição da Mostra de Cinema Infantil de Florianópolis, no dia 23. São três DVDs contendo produções brasileiras (ficções e animações) exibidas ao longo dos dez anos de evento, incluindo três catarinenses. No mesmo dia foi disponibilizado um canal na internet onde os curtas podem ser assistidos. “Alguns diretores não quiseram participar do projeto, mas a maioria dos produtores culturais que trabalham com crianças são generosos, tanto que o valor dos direitos autorais que pagamos foi simbólico”, garante Luiza Lins, diretora geral da Mostra. Serão distribuídas 2 mil caixas em escolas catarinenses, nos pontos de cultura do estado e cineclubes no Brasil. As escolas estaduais receberão 600 caixas, as municipais 60, além das que já foram distribuídas nas secretarias municipais de Chapecó, Criciúma, Lages e Joinville.

Gizelly Cesconetto, diretora do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) de Florianópolis e responsável pelo Cineclube de Laguna, explica que o cineclubismo é um movimento que fura o bloqueio imposto pelas salas de cinema dos shoppings, onde só quem tem dinheiro tem acesso ao cinema. No país, 500 cineclubes são filiados ao Conselho Nacional de Cineclubes e existem cerca de mil ligados ao projeto Cine Mais Cultura. “É a possibilidade de acesso aos bens culturais produzidos no âmbito nacional, um lugar onde crianças e adolescentes possam sentar e conversar sobre o que viram. Percebo como espaço de socialização, para ampliar o universo familiar e social”.

A Mostra também destina cerca de R\$ 50 mil, através da Lei Rouanet, para pagar o transporte de alunos das escolas públicas aos locais de exibição.

“Se a gente não paga o traslado, inviabilizamos a mostra, pois sabemos que a maior dificuldade destas escolas é não conseguir ir ao teatro Governador Pedro Ivo”, explica Luiza. Esta verba também financia o transporte para as mostras itinerantes que ocorrem em outras cidades do estado.

Para Luiza Lins, tanto a produção nacional comercial quanto as políticas públicas de cultura voltadas para o público infantil são insuficientes. “De todo dinheiro investido em cinema no país, apenas 2% vai para crianças e, quando eu digo aos produtores que precisa de uma cota para o cinema infantil, eles querem me matar”.

Além de apresentar à sociedade o resultado do investimento público nestes dez anos da Mostra, iniciativas como a caixa de DVDs vão ao encontro do Projeto de Lei do senador Cristovam Buarque (PDT) que prevê a obrigatoriedade de pelo menos duas horas mensais de exibição de filmes brasileiros em escolas da educação infantil, ensino fundamental e médio. Já aprovado no Senado, o projeto agora tramita na Comissão de Educação e Cultura da Câmara.

Para o escritor Valdemir Klant, autor do livro Espantosa História de Ruffus, no caso da literatura infanto-juvenil predomina um preconceito de que quem escreve para criança e adolescente é menos autor. “É consenso entre produtores e autores da área que em Florianópolis são poucas as manifestações de arte de qualidade. O teatro, quando é feito, não é com preocupação direta para esse público. A literatura infantil tem poucos nomes e uma produção ainda inferior, apesar de ser rentável”, afirma Klant.

Mônica Fantin, professora do Departamento de Pedagogia da UFSC e doutora em Mídia-educação, explica que o foco dos blockbusters e best sellers é a criança-consumidor, aquela que assiste aos filmes ou lê as histórias e depois compra o material escolar com a marca do produto. Esse perfil corresponde à criança que movimenta a indústria do entretenimento, diferente do trabalho realizado por projetos como a Mostra e Pontos de Cultura, que buscam trazer

outros repertórios além dos que o mercado oferece. “Penso que políticas públicas com editais próprios para produção cultural para crianças é fundamental”, garante Mônica.

A professora não acredita que seja prejudicial o contato com a produção estrangeira, mas a criança precisa se relacionar com a cultura local já que, ao se identificar, consegue se reconhecer como parte da região. Mônica aponta características em obras como Harry Potter que são atrativas para o público infantil. “Quando surgiu Harry Potter, a noção era de que criança não gostava de livros sem ilustração, então J.K. Rowling desmontou o argumento, porque escreveu uma história de muitas páginas e elas leram. A estrutura do Harry Potter trabalha com a narrativa clássica, o mito do herói. O protagonista encontra desafios, vence e volta para casa fortalecido”.

Pensar na produção cultural infantil é pensar nas especificidades deste público e nos critérios para atender suas necessidades. “Quando eu perguntava o que um filme tem que ter para agradar uma criança, elas respondiam que tinha que ser divertido”, afirma Mônica, e completa: “A criança produz cultura e deseja expressar seu imaginário, que dependendo da fase em que se encontra, será mais ou menos elaborada”.

Valdemir Klant explica que no contexto atual, tanto a criança como os adultos querem participar ou interagir com a obra. “Acabou aquela fase em que o público apenas consumia e tinha fruição estética. Hoje, ele quer fazer, a criança deseja ilustrar e escrever. No caso da literatura, oficinas de escrita e de ilustração devem ser oferecidas para incentivar escritores em potencial, ou pelo menos, para aprimorar habilidades com a escrita. De certa forma, o domínio de algumas técnicas e do conhecimento oxigenam todo o mercado cultural”.

Úrsula Dias
ursuladias21@gmail.com

CULTURA

Fundamental
“Editais que visam o público infantil são fundamentais”

INTERNET É A SAÍDA

A parcela da população que tem acesso aos bens culturais, nacionais ou estrangeiros, ainda é pequena. De acordo com o Ministério da Cultura, o Brasil tem 2.098 salas de cinema, das quais 75 estão em Santa Catarina. São 4.951 bibliotecas brasileiras e 297 no estado. A faixa etária que mais usufrui da produção audiovisual e das bibliotecas está entre 12 e 24 anos.

Da população com renda abaixo de R\$ 150 ao mês, apenas 12% já foi ao cinema, mas 25% tem acesso à internet. Tanto para Luiza Lins, Mônica Fantin e Valdemir Klant a internet foi apontada como um dos caminhos para veicular o que é produzido nacionalmente para o público infantil, pois permite o download gratuito de filmes, músicas e livros.



Felipe Parucci

Eu, clandestina

Mais de um milhão de pessoas vivem na França na ilegalidade; uma delas é Vera Eunice, que não tinha emprego e passava fome no Brasil

Vera Eunice acorda todas as manhãs às sete e meia, passa na padaria perto de sua casa e pega o jornal na entrada no metrô. Até o seu local de trabalho, ela lê as principais notícias do dia. Naquela manhã de quarta-feira, Vera olha com atenção a principal chamada do dia: "Governo francês deporta mais de 700 ciganos".

Desde que assumiu a presidência da França em 2007 Nicolas Sarkozy expulsou cerca de 45 mil imigrantes ilegais do país. Em 2011, as políticas de controle de imigração foram reforçadas, e as leis de livre circulação entre países da União Européia foram revisadas. Em abril deste ano, a polícia francesa lançou uma nova operação de apreensão e expulsão de imigrantes ilegais.

O governo francês não tem dados exatos sobre o número de pessoas que estejam vivendo ilegalmente no país, mas estima que passe de um milhão.

Eles moram, principalmente, na periferia e em bairros isolados conhecidos como banlieux. Mão-de-obra barata, ocupam as funções de empregadas domésticas, zeladores e serviços de manutenção, que geralmente passam despercebidos pelos franceses.

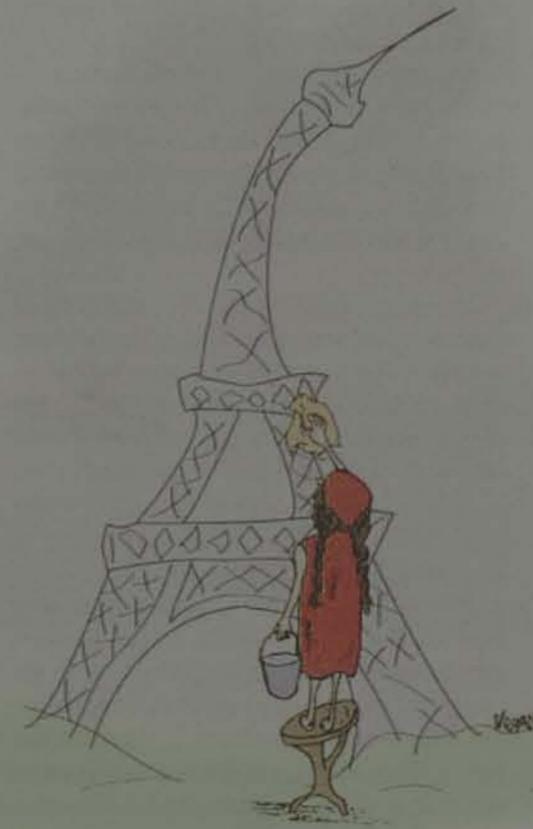
Esta é a realidade de Vera Eunice, 42, que vive em Paris há quatro anos. Em 2007, semanas após a chegada de Vera na França, as políticas de imigração foram acirradas e cerca de 1,8 mil brasileiros foram deportados, e outros dois mil barrados nos aeroportos e mandados de volta para casa.

No Brasil, antes de mudar-se, Vera morava em uma pequena cidade no Paraná e sustentava sozinha dois filhos – Gabriel, de sete anos e Thays, de 14 – quando teve o terceiro, Vitória, em 2007. Durante o parto, Vera teve eclampsia, uma complicação da gravidez que causa diversos acessos de convulsão, e por isso ficou três dias em coma. O bebê passou os primeiros 54 dias de sua vida na UTI Neo Natal esperando por uma cirurgia.

Um mês depois, com os filhos passando fome e sem conseguir emprego, decidiu trabalhar fora do país. Mesmo sem falar francês, decidiu ir sozinha para Paris. Em seus planos, os filhos ficariam com os avós, e ela trabalharia para juntar dinheiro suficiente e voltar ao Brasil para ficar com a família.

— Lembro como se fosse hoje. Eu saí de casa às sete e meia da manhã e deixei a Vitória deitada no berço. O Gabriel e a Thays acordaram e ficaram na casa da minha mãe me olhando. O Gabriel chorava tanto, falava para eu não ir, e dizia que venderia sorvete para fazer as compras. A Thays chorava calada, sem falar uma palavra.

Vera pegou R\$ 3.500 emprestados com um agiota e embarcou em sua primeira viagem de avião. Quando chegou a Paris, os oficiais da alfândega não



Giovanna Chinellato

filha mais nova.

Para evitar o transtorno na alfândega francesa, Vera optou por fazer escala em Milão. Segundo as regras da União Européia, voos entre países integrantes do bloco são considerados domésticos, não sendo necessário passar novamente pela imigração e apresentar passaporte. A Itália, naquele momento, era um dos países em que a entrada de brasileiros era mais facilitada. Entretanto, líderes de países membros da UE estão revisando estas leis devido ao grande aumento de refugiados causado pelas revoltas populares no norte da África. A situação se agravou quando oficiais da fronteira francesa barraram um trem vindo da Itália com imigrantes africanos. Segundo representantes da UE, a medida tinha como objetivo "preservar a ordem pública".

Vera e os filhos atravessaram a fronteira sem problemas. Assim que chegaram a Paris, Vera batalhou para conseguir uma vaga em escola pública para Thays e Gabriel. Enquanto as aulas não

começavam, eles estudaram a língua por conta própria.

— No começo foi complicado. A Thays não queria nem sair de casa, e estudava em uma sala de aula em que não podia falar nem bom dia em outra língua. O Gabriel levou tudo na brincadeira, então foi mais fácil.

Vera voltou a fazer faxinas, e desde o início de 2010 vende produtos da Natura. Thays foi abordada por um olheiro e faz alguns trabalhos como modelo. Já desfilou para uma marca brasileira de jeans e fez fotos para propagandas.

Mesmo com as ameaças da política francesa de deportação de imigrantes ilegais, e após o episódio em que 700 ciganos búlgaros e romenos foram expulsos do país, o medo não faz mais parte da vida de Vera. Enquanto os filhos estiverem matriculados na escola, eles não podem ser deportados. Apesar de tudo, a rotina da brasileira está estabilizada e ela agora está grávida do namorado brasileiro que conheceu no prédio que mora.

— Agora está bom. Gosto demais daqui e as crianças têm uma educação excelente.

Nas folgas, Vera gosta de passear na avenida mais famosa de Paris, a Champs-Élysées, que liga o Arco do Triunfo ao Jardim de Tuilleries, e abriga lojas de grifes como Louis Vuitton, Cartier, Hugo Boss, Montblanc e Swarovski.

— É claro que nunca compro nada, é tudo muito caro. Mas adoro sair do trabalho e ficar horas andando por lá, para cima e para baixo, vendo todo aquele povo rico, aqueles carrões... A gente se sente gente, entende?

quiseram deixá-la entrar porque não tinha dinheiro suficiente, nem cartão de crédito internacional ou reserva em hotel.

— Eles me pararam, me levaram para uma salinha e começaram a fazer um monte de perguntas. Eu inventei tudo, só rezando o tempo inteiro. Fiquei das sete horas da manhã às 14 horas, e eles mexeram em toda a minha mala.

Algumas horas depois, os oficiais se convenceram de que a brasileira era apenas uma turista, e a liberaram.

— Falei que tinha vindo pagar uma promessa na igreja Notre Dame por causa da Vitória.

Em poucos dias, Vera conseguiu vaga em um apartamento de brasileiros em Saint-Denis, periferia de Paris. Nesse bairro moram predominantemente imigrantes africanos e o índice de desemprego é 21% acima da média nacional. Durante um ano e meio, Vera fez faxinas e conseguiu mandar dinheiro para a família no Brasil e também pagar o empréstimo que tinha feito.

Dois anos mais tarde, o ex-marido de Vera pediu a guarda de Vitória alegando abandono de incapaz. Decidiu então voltar ao Brasil, onde trabalharia no escritório de um amigo e poderia cuidar dos filhos. Com o dinheiro que guardou com os trabalhos na França, ela comprou um Fiat Uno branco.

Vera trabalhou três meses no escritório, mas nunca recebeu salário. Ela conseguiu impedir que o pai tirasse Vitória de sua guarda, mas a situação econômica voltava a se repetir – e ela resolveu voltar para Paris. A razão que a levava de volta ao Brasil e a ideia de viver com todos os filhos juntos ficou para trás. Sem a autorização do ex-marido para levar Vitória embora, apenas Thays e Gabriel a acompanharam. Meses depois, ela perdeu a guarda definitiva da

Controle
Durante o governo Sarkozy, cerca de 45 mil imigrantes ilegais foram expulsos

Tradições ameaçadas

II Semana de cultura e arte tibetana debate a modernização do país e o controle do governo chinês na imprensa

Entre o mês de maio e junho, o saguão do prédio da reitoria da UFSC ganhou ares diferentes com a II Semana de Cultura e Arte Tibetana. Por ali passaram monges, artistas, budistas, estudiosos, jornalistas e curiosos. Durante nove dias, convidados debateram sobre a história do Tibete, a atual situação da região, suas relações com a China e o papel do Brasil na causa Tibetana. O evento foi realizado pelo Centro de Cultura Tibetana (CCT) e congregou cerca de mil e trezentas pessoas.

À medida que a programação acontecia no auditório, quem passava fora dele era atraído a parar e contemplar a montagem da colorida mandala de areia do Buda da Medicina. Foi a estreia da arte milenar tibetana no Brasil. Muitas pessoas passaram para ver a evolução do trabalho do monge Tenzin Thutop, que pela primeira vez montou uma mandala inteira sozinho. Foram mais de 50 horas, oito horas por dia, até a conclusão do trabalho. Por vezes, Tsewang Phuntso, representante do 14º Dalai Lama para a América Latina, explicava o significado de cada cor utilizada e da minuciosa realização daquele trabalho para os que assistiam a construção.

Phuntso, desde 2002, é o representante do Tibet Office para a América Latina, no governo tibetano em exílio – que tem alguns escritórios espalhados pelo mundo. Ele representa o poder administrativo tibetano e, ainda, a pessoa do Dalai Lama. A distinção é feita porque em maio, aos 75 anos, Dalai Lama transferiu seu poder político de primeiro-ministro a Lobsang Sangay, professor universitário, eleito democraticamente em março.

Cultura em perigo

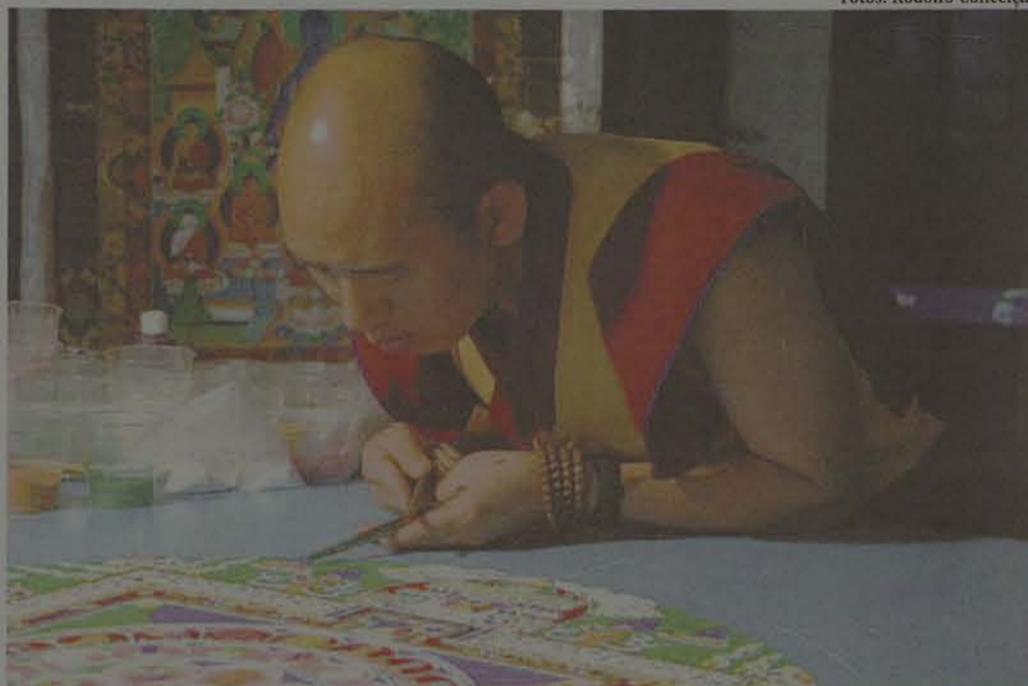
Robert J. Barnett – jornalista estudioso do Tibete e professor da Universidade de Colúmbia – destacou o tratamento dado às Imprensa Chinesa e Tibetana. Hoje, o governo chinês controla aquilo que deve ou não ser publicado. Ainda assim, o viés do material liberado é completamente diferente entre os jornais de um local e outro. Quando uma notícia sobre a estabilização de uma região para a implantação de educação formal (que é como chamam a educação aos moldes chineses), o outro fala de ação militar para manter a estabilidade, ou instaurar o controle político.

Segundo Barnett, a língua tibetana se perde e dá lugar à escrita chinesa em letras garrafais, às vezes acompanhadas de pequenos caracteres tibetanos. Além disso, a maioria dos trabalhadores e das lideranças partidárias é chinesa, enquanto os tibetanos dominam apenas as menores organizações políticas. Aos monges não é permitido usar as roupas tradicionais e os retratos de Dalai Lama são proibidos.

A cultura tibetana dá sinais de deterioração por todos os lados. Há um grande debate entre os intelectuais tibetanos sobre se transformar em um país moderno e perder a tradição religiosa. Para eles, e para o povo, a perda dos controles político e econômico não constitui o maior perigo. A grande ameaça está na marginalização de sua cultura, salienta Barnett. “Agora a religião é forte, mas nas próximas gerações os jovens terão menos conhecimento da cultura tibetana, terão estudado em escolas chinesas, terão assistido à televisão chinesa. Eles podem perder conexão com a religião e a tradição, assim como aconteceu com sociedades ocidentais.”

Semelhanças com os latinos

Quando questionado sobre a importância dos latinos, especialmente os brasileiros, entrarem em contato e conhecerem a cultura tibetana, Phuntso lembrou o sincretismo que nos é característico. “Com tantos cenários diferentes, o único jeito é ter a mente



Fotos: Rodolfo Conceição

aberta”. Phuntso devolveu a pergunta à plateia, “O que conecta os brasileiros aos tibetanos?”. “Temos algumas coisas em comum”, arriscou Alexandre Vieira, professor do curso de Direito do Complexo de Ensino Superior de Santa Catarina (Cesuc). “Nós somos o extremo Ocidente, o Tibete é o extremo Oriente. Nós temos os nossos Himalaias, nossos povos andinos, nós temos as cores, nós temos a nossa Índia e a Amazônia. O povo latino-americano ainda hoje luta por uma identidade comum. A gente ainda tenta construir uma ideia de integração. A América Latina é um lugar de desterrados. A Índia também é um lugar multicultural. Então nós podemos criar essa mística entre a América Latina e o Tibete.”

E como tudo muda o tempo todo, ao fim dessa II Semana de Cultura e Arte Tibetana, chega o momento em que Tenzin Thutop – o resignado monge que passou a semana desenhando a mandala com milhões de grãos de areia coloridos – desmantela, desfaz, destrói o seu trabalho. Tenzin Thutop e Tsewang Phuntso misturaram toda a areia, o desenho se desfez e as cores também. Parte da areia foi distribuída entre aqueles que presenciaram o ritual, e o restante depositado junto ao lago da UFSC. A mandala ensina sobre a impermanência. Aquilo que inicia também termina e dá espaço para outro recomeço. Sabendo disso, o monge não poupou empenho em seu trabalho, tampouco lamentou o seu fim.

Conflitos com a China

Tenzin Gyatso foi entronado o 14º Dalai Lama em 1940, aos quatro anos, e assim continuará até morrer. Abdicou apenas do poder político administrativo. Lhasa era a capital política e religiosa do Tibete, mas em 1949 o regime comunista chinês de Mao Tse Tung ordenou a invasão da região, que foi anexada à China como província. Dez anos depois, o exército chinês derrotou a oposição tibetana em uma revolta armada. Em consequência, Dalai Lama e cerca de 80 mil seguidores saíram da capital tibetana e retiraram-se ao norte da Índia, instalando em Dharamsala o governo de exílio.

Um ano depois da Santidade deixar o Tibete, em 1960, nascia a comunidade tibetana no exílio, que deu ao ocidente acesso a uma cultura devotada ao cultivo da sabedoria e da compaixão, enquanto Dharamsala, aos poucos, transformava-se na Lhasa da Índia.

Em 1989, logo em seguida ao massacre na Praça

da Paz Celestial, o governo da China comunista ficou desconcertado diante do oferecimento do Nobel da Paz a Dalai Lama por suas políticas de não violência. Como Lia Diskin – jornalista e especialista em filosofia budista – mencionou durante a palestra de abertura, a resistência tibetana é budista. “Combate a opressão, não o opressor”. A partir de então, diversos chefes de estado pelo mundo passaram a receber melhor o líder espiritual e o governo exilado.

Guilherme Lopes Souza
lambret@ibest.com.br



Minoria

Os tibetanos dominam apenas as menores organizações políticas

Efemeridade da vida

Fotos: Rodolfo Espínola

“Tudo que nasce é impermanente e está fadado a morrer. Tudo que se junta é impermanente e está fadado a se separar. Tudo que é construído é impermanente e está fadado a desmoronar.” Assim Patrul Rinpoche, destacado mestre do século XIX, explica a impermanência, um dos principais conceitos do budismo.

Quem passou pelo saguão da reitoria da UFSC entre os dias 28 de maio e 4 de junho pode vivenciar a impermanência através de um dos rituais mais antigos da tradição budista tibetana feito pela primeira vez no Brasil: a construção e dismantelamento de uma mandala de areia. O monge Tenzin Thutop, do monastério Namgyal do Dalai Lama, trabalhou por mais de 50 horas com milhões de grãos de areia colorida na elaboração da mandala do Buda da medicina. No último dia, o monge misturou novamente os grãos e os jogou no lago da UFSC. “Quando desmancho uma mandala e misturo todas as areias estou apenas reproduzindo a vida. Tudo é impermanente, tudo faz parte do ciclo de nascimento e morte”.

Rodolfo Espínola
rzespinola@yahoo.com.br

